A CRUELDADE DE SANTA CRUZ

Dia 12 de Novembro, 6ª feira, às 21H 30

na

VIDEOTECA MUNICIPAL

Largo do Calvário, nº 2 (em Alcântara)
Telfs. 362 20 08 * 362 35 61

CONTAMOS CONSIGO

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL
CULTURA

A VIDEOTECA MUNICIPAL

A VIDEOTECA MUNICIPAL projecta a prestação de um serviço de utilidade pública, enquadrado por objectivos culturais, pedagógicos, didácticos e científicos, assumindo como principal missão dotar a Cidade de um espaço destinado aos novos suportes tecnológicos de transmissão de informação, diversificando e ampliando assim os meios de acesso ao conhecimento, à cultura e à valorização individual.

A VIDEOTECA MUNICIPAL assume assim o desenvolvimento da sua missão através de três vertentes principais de intervenção:

1. Instituição de um fundo videográfico tão vasto e diversificado quanto possível, para consulta e exploração pedagógica de documentos audiovisuais

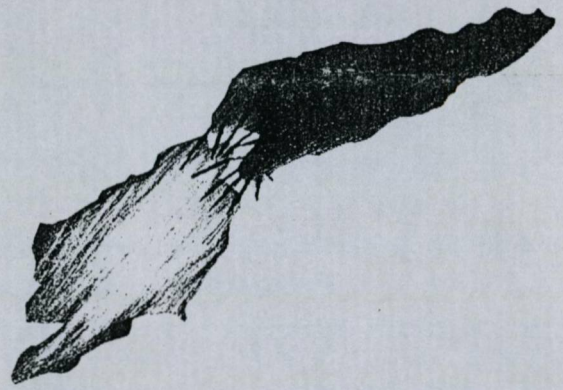
2. Criação de capacidades próprias para a produção, recuperação e preservação de um Arquivo de Imagens sobre Lisboa que contribua para a constituição da Memória Viva da Cidade.

3. Realização de acções de animação e dinamização cultural do espaço que sejam tão incidentes quanto possível no estimulo ao aproveitamento dos meios e tecnologias audiovisuais.

VIDEOTECA MUNICIPAL
Largo do Calvário, n.º 2
(em Alcântara)
Telef. 362 20 08 * 362 35 61

TL 1313

TIMOR



A CRUELDADE DE SANTA CRUZ

Dia 12 de Novembro, 6ª feira, às 21H 30

na

VIDEOTECA MUNICIPAL

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL
CULTURA

TIMOR
MALAE BUTI LAO TE

Uma produção da RTP

autoria
Jorge Barroso
Aristides Teixeira

(2h 18)

Supõe-se que Timor foi descoberto em 1512 por António de Abreu, nas viagens que Afonso de Albuquerque lhe ordenara que fizesse entre Malaca e as ilhas de Banda e Ternate.
Com a chegada dos portugueses, os timorenses (que não conheciam a escrita) passaram assim da pré-história à história, assimilando a partir daí a consequente aculturação que a passagem dos navios portugueses foi deixando no território.
Por volta da 1556 o franciscano Frei António Taveira fixa-se em Timor e converte numerosos nativos, introduzindo no território uma profunda devoção ainda hoje enraizada nas gentes de Timor.

Timor transforma-se entretanto num importante entreposto no comércio do sândalo, e o território começa então a ser cobiçada por holandeses, ingleses e malaios. Por meados do século XVIII os holandeses, que ocupam metade da ilha, fomentam rivalidades tribais para enfraquecer a presença portuguesa em Timor Leste. Em 1769 o governador muda a capital para Dili, na província dos Belos, que permaneceu sempre fiel a Portugal, resistindo aos holandeses com o apoio dos régulos cristianizados.
Até que em 1859, com o Tratado da Holanda, se estabelecem os limites do território.

Cerca de 50 anos mais tarde, e aproveitando as convulsões resultantes da implantação da república em Portugal, em 1910, os holandeses tentaram novamente incitar as populações nativas à revolta contra os portugueses. Mas sem qualquer êxito.
Em 1941, com o pretexto da necessidade estratégica daquele território, tropas holandesas e australianas invadem Timor Leste. Uma atitude que constituiu um excelente pretexto para os desejos expansionistas dos japoneses, que invadem brutalmente Timor no início de 1942, deixando o território coberto de ruinas. Milhares de timorenses foram chacinados, pagando com a vida a sua fidelidade à bandeira portuguesa, enquanto o governador, a administração e os portugueses europeus eram aprisionados.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial, e a capitulação dos japoneses, surgiram então fortes manifestações de independência em todo o arquipélago. Mas enquanto que em Java, território sob o domínio holandês, a ocupação japonesa serviu para a proclamação da independência sob a bandeira indonésia, em Timor a população liberta os portugueses presos nos campos de concentração e repõe a administração portuguesa.

33 anos depois da invasão dos japoneses, Timor Leste volta a ser brutalmente invadido, desta vez por tropas indonésias, que submetem os timorenses pela violência, pelo terror, pela tortura, por um autentico genocídio perpetrado pela Indonésia.

Um genocídio que dura há 18 anos, acompanhado pelo silêncio cúmplice das principais potências e instituições políticas do nosso tempo.
A questão de Timor não é apenas uma questão de violação dos direitos humanos ou do direito internacional. Trata-se de facto de um genocídio de um povo amigo de Portugal há mais de 450 anos, que solidificou ao longo dos séculos uma realidade cultural muito bem definida, e que continua a resistir moral e fisicamente à opressão e ocupação Indonésia.

Conhecendo-a, é para nós uma responsabilidade e um dever mostra-la, para que nenhum de nós se esqueça - nunca - que lá longe, numa ilha dos cobiçados mares de Timor, há homens, mulheres e crianças que sofrem violentamente por quererem ser livres.

Todos temos na memória as imagens dramáticas do massacre no cemitério de Santa Cruz. Elas valem por mil palavras.
Recordar a questão de Timor, evocar o massacre de Santa Cruz, é pelo menos um dever de todos nós.
Foi em 12 de Novembro de 1991.
Faz agora 2 anos.

RAZÕES PARA UM NÃO ABANDONO